



Fotograma dos diários filmados
por Eugenio Granell

Vigência de Granell

alberte pagán

Lá polo ano 2003, quando os filmes de Eugenio Granell vian a luz pública pola primeira vez, escribía eu: “Depois do descubrimento público destes breves filmes de Granell temos a obriga de, se se nos permitir a afirmación, reescrever a historia do cinema galego. As películas deste director venhem a encher un oco no raquíptico cinema pátrio, constituindo-se nas primeiras e únicas cintas experimentais da súa historia”.

Muito mudáron as cousas nestes sete anos: o cinema pátrio, já nom tam raquíptico, começou a agromar e auguramos-lhe um crescimento robusto; e as obras de Granell passáron de ser desconhecidas a formar parte nom só do cânone do cinema galego senom mesmo do espanhol (a inclusom de *Lluvia* no ciclo *Del éxtasis al arrebatado. Un recorrido por el cine experimental español* assim o confirma), o que nom deixa de provocar umha grande satisfacón em quem apostamos no seu momento polo seu valor artístico.

Na altura nom podíamos deixar de insistir no carácter póstumo, se calhar provisional e talvez inacabado destas seis peliculinhas. Hoje em dia já podemos falar delas e analisá-las como obras completas e independentes (independentes das suas circunstâncias criativas e também da vontade do seu autor). Se bem que é certo que na década de sessenta nom

puérom deixar nenhuma pegada, nem no New York em que fôrom realizadas nem na Galiza das suas origens, debido ao seu óbvio carácter inédito, também o é que, vistas hoje, som obras que, ainda que derivam de táticas anteriores, anticipam estratégias que serám moeda da câmbio no cinema posterior. O feito de ser pioneiras pode nom ter importância na historiografia internacional, mas sim nos serve para demostrar a inteligência artística de Granell. Quanto à súa posicón dentro do cinema galego, o feito de que as primeiras projeçons tiveram lugar na Galiza (na exposicón inaugural de 2003, no Congresso Interdisciplinar de 2006), por muito que foram criadas no exílio, garante-lhes um lugar iniludível na historia do nosso cinema.

O interesse de Granell pola cinematografia vém de velho. O pintor inclui Fred Astaire num quadro de 1946; tem escrito algunha crítica cinematográfica que se centra na relación entre pintura e cinema; conservam-se uns quantos guions surrealistas com descriçons dos planos, diálogos e desenhos preparatórios; e com certeza, temos os seus filmes. Destes, três som abstratos: dous deles están pintados directamente sobre a tira de celuloide (*Invierno* e *Dibujo*) e o outro utiliza a técnica inversa ao criar as imagens rascando a emulsiom fotográfica (*Lluvia*). Outros

Os filmes de Eugenio Granell passáron de ser desconhecidas a formar parte do cânone do cinema galego

três som filmes fotografados: *Película hecha en casa con pelota y muñeca* é umha narraçom surrealista que tem muito a ver com os seus guions e com a sua literatura; as outras duas talvez sejam as mais cinematográficas, as que utilizam técnicas próprias do cinematógrafo e nom prestadas doutras artes como podem ser a pintura ou a literatura: *Middlebury* usa consistentemente a superposicón como recurso estilístico enquanto *Trompos* consta dumha série de planos zenitais de buxainas (regaladas por Marcel Duchamp) bailando no limite do enquadre, entre o campo e o fora de campo.

Todas estas obras fôrom realizadas entre 1960 e 1962. A partir dessa data abandonou a criaçom cinematográfica, intuimos que polas dificuldades técnicas de levar a cabo os seus elaborados guions. Mas foi um abandono parcial: as cinco horas de filmaçons familiares que se conservam están datadas entre 1960 e 1980. Entre as imagens familiares, as viagens e os momentos poéticos topamos umha breve bobina de meio minuto de duraçom, titulada Casa e datada em 1963, que constitui o derradeiro intento granelliano de criar umha peça cinematográfica. Similar a *Trompos* na sua singeleza e humildade, consta de três tomas interiores, em branco e negro e mudas. Na primeira vemos umhas pilhas de livros sobre um escritorio, o pé dumha lâmpada ao fundo e a luz do sol iluminando-os desde a esquerda (nesse bordo adivinhamos a máquina do seguinte plano). A segunda, com um enquadre mais curto, mostra umha máquina de escrever com um fólio escrito no rolo e fume de tabaco ascendendo em primeiro plano (à direita vê-se um fragmento da mesa do plano anterior). E a terceira mostra-nos umha parede de onde penduram sete fotos e pinturas emolduradas. A câmara, ausente de trípode, treme levemente. O ascetismo da bobina, o espaço interior e a ausência da figura humana anticipam o cinema de Peter Gidal. Com estes três planos Granell reflete o seu espaço doméstico e criativo: a leitura, a escritura e a pintura. Três pinceladas mínimas que sugerem toda umha vida. ●